EXPEDIENTE.

A Ultima Resposta do Sr. A. Herculano ao *ultimo* artigo do *Correio Portuguez* de 24 do corrente, achava-se composta na typographia; — mas, por abranger mais de duas paginas, não foi possivel encorporal-a no presente numero. — Tambem por falta de espaço ficam esperando o romance em verso *D. Florentim Barreto*, do Sr. Antonio Pereira da Cunha — o primeiro capitulo de outro em prosa do Sr. A. da C. S-M. com o titulo de *Nem Anjo, Nem Demonio*: — um artigo sobre *Critica litteraria* do Sr. Silva Leal — uma carta do Sr. Costa Alves sobre a morte do seu filho: — as observações meteórologicas do mez de junho, do Sr. Franzini; — dois artigos do Sr. José Joaquim Ramalho, um sobre *estradas*, outro sobre *emigração portugueza*; — outro sobre este mesmo objecto da Sr.ª Dona M. J. da S. Canuto: — a continuação da *cultura da Seda* pelo Sr. Tinelli: — o juizo de varias publicações litterarias recentes, etc. etc. etc.

CONHECIMENTOS UTEIS.

TAPETES ECONOMICOS.

1944 Já é dado a qualquer o ter a sua sala de visitas com um pavimento primorosamente atapetado, porque o papel pintado e a chita, não sómente supprem o mais lindo tapete, ou oleado, mas talvez se avantajam a estas tapeçarias na belleza e duração, e de certo lhes são preferiveis pela notavel barateza.

Sabemos quem n'esta cidade tem duas salas com o pavimento coberto de papel, e outra com elle forrado de chita: o effeito e a apparencia em todas tres é do mais rico oleado; e a duração promette ser tal, que uma das salas, contando já dez mezes de continuo uso sem o menor resguardo, esta como no dia em que o papel foi assentado no soalho; ainda é de notar que um pianno arrastado por esta sala não faz outro estrago no papel além de um vinco, egual ao que faria sendo arrastado sobre o proprio soalho de madeira.

Julgamos por tanto que será agradavel aos leitores da Revista o saberem o modo e a despeza de preparar a cobertura de um pavimento com papel ou chita.

A primeira condição para atapetar um pavimento com papel, vem a ser a solidez d'esse pavimento, de modo que se algumas taboas balancearem, é preciso segural-as para que não se movam quando se andar por cima d'ellas. A segunda condição, é que as taboas estejam bem seccas, não importando que sejam mui velhas, e até carunchosas. A terceira condição é que o soalho esteja soffrivelmente nivelado, e isto consegue-se desgastando com a enxó, e com a plaina, nas proeminencias, e desegualdades resultantes de qualquer empêna das madeiras.

Dado pois um soalho com estas circumstancias, principia-se por afogar todas as cabeças dos prégos, batendo-os com um ponção, e por calafetar os buracos d'esses prégos, assim como as frinchas, ou grêtas, com certa massa, na consistencia do betume de vidraceiro, e composta de gesso amassado em agua de colla de marcineiro, de modo que todo o pavimento fique bem nivelado, e egual na superficie. Com a dicta massa se disfarçam tambem e enchem quaesquer estragos do caruncho, que porventura tenham as taboas. Isto feito depois de secca aquella massa, assenta-se o papel com uma gomma preparada ao lume de farinha de trigo, e agua, até que fique em consistencia de creme, podendo ajunctar-se-lhe uma pouca de pedra hume pisada para evitar os estragos de quaesquer insectos: deve porém advertir-se que no assentar do papel a massa deverá ser estendida com abundancia no pavimento, sobre o qual pouco a pouco se ha-de ir grudando o papel, o qual se conserva sempre enrolado para se ir desdobrando á medida que vae sendo collado. Egualmente deve haver o maior cuidado em que o papel fique bem grudado ao pavimento por toda a parte, e sem fazer rugas. Assentado e secco o papel, prepara-se uma pouca de gomma do Maranhão bem dura, e com esta agua de gomma se engomma o papel duas vezes, por meio de um pincel, devendo deixar-se seccar a primeira engommadura antes de se dar a segunda, e esta ser encruzada com a primeira.

Prompto o papel d'este modo, estende-se-lhe em cima com um pincel uma camada do verniz d'espirito com que se costuma por ahi envernizar o papel, e um quarto de hora depois está prompto o pavimento para se andar por elle. Os pavimentos cobertos d'este modo não acceitam nodoas, e lavam-se com uma esponja quando se conspurcam: é util porém que a preparação dos pavimentos, seja feita na estação do calor e em dia bem quente, porque pregando-se o papel em tempo humido, estão as taboas inchadas, e quando depois encolhem sobrevém gretas ao papel; inconveniente este porém que facilmente se remedêa, ligando as fóres ou figuras do papel com tinctas similhantes nos sitios gretados, e estendendo depois gomma e verniz em cima.

De seis em seis mezes convém engommar, e envernizar de novo o papel, maiormente juncto das janellas e portas, de modo que os pés das pessoas, e os moveis nunca cheguem a tocar na pintura do papel, mas sim no verniz; e com esta precaução, os pavimentos podem durar lindos por muito tempo.

Para cobrir de chita um pavimento, emprega-se o mesmo processo que para o forrar de papel, apenas com as seguintes differenças: a gomma ha-de ser dada em uma consistencia assás dura, e não bastam menos de tres engommaduras, sendo precisas ainda mais se a chita não fôr bem tapada; e de verniz necessitam-se pelo menos duas camadas: com tudo a chita offerece sobre o papel as vantagens de ser mais facil de collar sem que fique em rugas, por isso que se estende em todas as direcções sem rasgar, de se poder arrancar molhando-a com agua quente e sabão, quando se pertenda mudal-a para outra casa, e de não ser tão subjeita como o papel a estragar-se nas pinturas em qualquer ponto aonde porventura não fique bem envernizada.

Por fim cumpre advertir que o effeito e apparencia, tanto em relação ao papel, como á chita, depende essencialmente do bom gosto na escolha das estampas; e que todo este processo que deixo descripto póde ser feito por qualquer domestico com mediocre habilidade. Eis-aqui a despeza feita em duas das salas a que nos referimos no principio d'este artigo, uma com 32½ palmos sobre 21, e outra com 23 sobre 16 palmos.

De papel.

Colla da Bahia 1 arratel	200
Gesso 9 arrateis	50
Farinha de trigo 1 quarta de alqueire	260
Papel 10 peças a 880	8$800
Gomma 1 arratel	160
Verniz 3½ arrateis a 550	1$925
Trabalho	
Somma	11$395

De chita.

Gesso, colla, farinha de trigo, e gomma	665
Chita 47 covados a 60 réis	2$820
Tres arrateis de verniz d'espirito a 550	1$650
Trabalho	
Somma	5$135

Facil é accrescentar ás invenções. Esta primeira idéa já experimentada com o melhor resultado, poderá sem duvida receber ainda muitas applicações novas. As paredes e os proprios forros dos tectos, as mezas e outros moveis poderão vir a dever-lhe novos e mui economicos embelesamentos.

Muito nos lisongêa que um juizo tão claro, e com tanto voto nas coisas de agricultura e industria, como é o do Sr. Roure Pietra, venha hoje confirmar com sua auctoridade a suasória, que ha 21 mezes fizeramos no artigo *125 da Revista de 4 de novembro de 1841, para a adopção do precioso fabrico de papel de pita: — bom conselho esse que até hoje e com grave prejuizo para o reino tem permanecido em desprêso como tantos outros, e nomeadamente o do artigo *105, não menos tendente a embaratecer-nos o papel, materia prima e condição indispensavel da illustração e civilisação.

Do Sr. Gitton, cuja fabrica brevemente começará a trabalhar, esperamos, como de ultima instancia, o bom despacho a todos estes nossos utilissimos requerimentos.

DA CULTURA DA PITEIRA E SUA APPLICAÇÃO ÁS ARTES.

1945 Bem sensivel e conhecida é a necessidade, que temos hoje de procurarmos obstar desenganadamente a tudo quanto forem importações de generos estrangeiros provenientes de agricultura ou industria, que no reino possamos ter, ou supprir por outros equivalentes.

Todos sabem a grande quantidade de linho e cânhamo, que importamos, em razão da decadencia em que está hoje este ramo entre nós; e se bem que ainda nas provincias do norte se cultiva em bastante quantidade, com tudo esse producto, quasi que por lá se consome, e pouco vem para as outras provincias; não só pela sua pouca abundancia comparativamente ao que que já foi, mas até porque sáe caro pelos transportes. Por conseguinte do linho estrangeiro é que se fabríca a maior parte do panno que por ahi vemos, e do cânhamo é que se fazem as cordas necessarias para as embarcações e outros mistéres. Convém logo approveitar de qualquer materia prima, que tenhamos barata, e com que possamos, ao menos, diminuir a importação do linho, empregando-a em fabricar algum dos artigos, em que aquelle se usa.

Sabido é que de varias plantas se podem tirar filamentos similhantes aos do linho para a fabricação de lonas grossas, cordas e outros objectos; mas a piteira é a que mais lucros nos póde subministrar e com menor dispendio.

A piteira *(agave americana)* cresce e prospéra sem tracto nos paizes meridionaes da Europa; e em Portugal serve para cercar as fazendas, por ser planta muito viváz, e que se reproduz consideravelmente. Só no Algarve se prepara o seu fio, e serve para se fazerem com elle delicadissimas obras, como vemos, vindas d'aquella provincia.

Pelo mesmo tempo em que entre nós se introduziu a piteira, se introduziu ella em Hispanha, sendo trazida da America; porém os hispanhoes conheceram mais depressa as vantagens que d'ella se podiam colher. Na Catalunha se fabricam muitos tecidos grossos de pita, como para embrulhar fardos. N'aquelle principado e no reino de Valencia se fazem tirantes e cordas para as carruagens: são fortes e leves, e resistem muito bem á humidade. No Brazil fazem-se cordas de pita para o maçâme dos navios, amarras etc. No Mexico porém é que maiores proveitos se tem tirado da cultura da piteira, ou *mauguey*, pois que se está fazendo immensa quantidade de papel d'aquelle producto, e tal que já o congresso d'aquella republica publicou uma lei para que o governo não usasse de outro papel nas suas repartições. As primeiras experiencias d'esta fabricação se fizeram em *Guadalajara*, e produziram excellente papel para escrever e imprimir, e de tal modo se augmentou esta industria, que fabricam actualmente o papel *mauguey* para todos os usos. Parece que João Weber estabeleceu em 1803 uma fabrica em Lisboa na rua da Oliveira, juncto ao Convento novo, onde chegou a trabalhar em cordoalhas, e pannos grossos, mas levantando extremamente o preço da pita, abandonou a sua empreza. Parece-nos que se a dicta fabrica fosse estabelecida em logar onde o proprietario podesse cultivar a piteira, não teria aquelle estabelecimento tão desastrado fim. Se fosse estabelecida no Algarve, sem embargo do defeituoso methodo que alli se usa para extraír o fio das folhas da piteira, assim mesmo é provavel que se tivessem conseguido algumas vantagens, porque alli podiam ter obtido a pita mais barata do que transportada para Lisboa; e além d'isso o augmento do consumo, seria muito bastante para se augmentar a cultura.

Consiste a maneira de extraír os filamentos da piteira no Algarve em raspar, com um ferro velho cortante, a folha da piteira até separar inteiramente o fio de todas as carnosidades da folha. Depois lavam-se os fios em agua limpa e põem-se a enxugar.

Em Hispanha pouco mais adiantados estão; os methodos, que alli nos consta se seguem, são pouco mais ou menos a mesma coisa; todos imperfeitos e sem economia.

Para se tirar algum proveito da cultura da piteira, accommodando-a a qualquer fabríco, era necessario primeiro que tudo procurar um methodo mais facil e economico para extraír os fios das folhas. Parece-nos que não sería máu systema lançar dentro de uma pia de pedra as folhas da piteira, para ahi serem moidas com maços de páu bem pesados, levantados por um eixo movido por agua ou outro qualquer motor. Deveria além d'isso correr perennemente agua para dentro da pia, e sair por um buraco no fundo da mesma. As-

sim se extrairiam os filamentos das folhas, ficando ao mesmo tempo livres das carnosidades e lavados, e com uma fervura em lexivia alcalina ficariam macios, e aptos para o que se quizesse.

Estamos convencidos de que a piteira offerece para outros usos vantagens notavelmente maiores do que o linho e cânhamo, principalmente em razão da cultura. O linho e o cânhamo pedem terrenos humidos ou de regadio, e amanhos que teem de se repetir todos os annos, e com tudo estão sugeitos aos prejuizos causados pela grande seccura. Devemos accrescentar que nunca se poderá ter uma arroba de linho preparado para as artes por um preço tão modico como outra egual quantidade de pita: porque esta cria-se em todo e qualquer terreno sem a estrumar, nem amanhar, pois plantada uma vez produz sempre. Das suas raizes brotam innumeraveis filhos, e resiste ás intemperies do tempo conservando-se sempre viçosa nos terrenos mais aridos e estereis e na estação dos mais rigorosos calores. Em todas estas coisas leva vantagem ao linho e ao cânhamo, e não menos na abundancia das fibras que produz, de maneira que sairia baratissima, se se propagasse tanto como é para desejar.

Nós que não temos o cânhamo, e o linho só em pequena quantidade, estavamos verdadeiramente no caso de cuidarmos da cultura da piteira: e quando esta estivesse adiantada, e a industria que d'ella póde nascer, então se conheceria a vantagem que tem sobre o linho e cânhamo, sendo da primeira intuição a barateza da sua cultura.

Seria portanto de conhecida utilidade para este reino a cultura da piteira, não só porque com ella poderiamos fabricar grande quantidade de objectos que fabricamos com o linho e cânhamo que nos vem de fóra, mas ainda porque poderia tornar-se objecto de exportação, fabricando com ella artigos que os estrangeiros fabricam de linho, e que não poderiam então competir com os nossos fabricados de pita em razão da barateza da cultura da materia prima.

Essa immensa quantidade de lonas e linhagens que nos vem de Hamburgo, facilmente poderiamos substituir por eguaes tecidos manufacturados por meio da pita. Além d'isso poder-se-hiam fabricar com ellas as cordagens necessarias para as embarcações, e mais usos communs, que pela sua duração deveriam ser preferidas ás de linho, que actualmente se fazem.

Podia tambem servir entre nós a pita para fabricar o papel, para cujo fim julgâmos conviria mais do que o trapo, não só pela sua barateza, mas tambem por causa da sua natural alvura, não tendo o inconveniente que tem o trapo de levar comsigo grande somma de immundicies, que tanto obstam á perfeição d'aquella manufactura.

Convencidos pois da utilidade que nos póde resultar da cultura da piteira, e da sua applicação ás artes, e considerando as grandes porporções e facilidade que temos para se promover aquella industria, e eleval-a a um ponto consideravel, aconselhamos a todas as pessoas que se podérem dedicar a um fim tão util, que não despresem o nosso alvitre, e procurem realisando-o, abrir um importante manancial de riqueza para este paiz.

Thomar 19 de julho de 1843.

Pedro de Roure Pietra.

DISTRIBUIÇÃO DE AGUAS PELAS CASAS.

Lembrança á Camara Municipal de Lisboa, e á Empreza commercial.

1946 Temos lembrado (vide o artigo 75), e não cessaremos de recordar á camara e ao governo, o que nos parece util para abastecer d'agua a grande capital de Lisboa. Lembraremos agora outro expediente.

Companhias, ou associações podem encarregar-se, por utilidade publica, da distribuição das aguas nas cidades. A agua é um genero indispensavel; e em Lisboa muito custoso aos habitantes; além d'isso os ganhos d'este fornecimento são levados por estrangeiros. A esta perda junctam-se os incommodos, que causa o fornecimento por gallegos, homens aventureiros, muitos de máus costumes, alguns facinorosos, e ladrões, e todos muito amigos de dinheiro, os quaes trazem, e communicam ás familias vicios, e habitos perniciosos, de que seria conveniente livrar a sociedade, quanto fosse possivel. Nós sabemos, em que estado de prosperidade se acha a companhia ingleza, que distribue em Londres as aguas necessarias a todas as casas e estabelecimentos.

Em París houve tambem tentativa, ha annos, de formar uma companhia para o mesmo fim; porque se calculava, que os habitantes dispendiam n'este objecto seis milhões de francos. Nós temos documento official, que adiante apontaremos, que nos indica ser hoje menor a despeza, que os cidadãos de París fazem com a agua; porém esta observação apresentada por J. B. Say nos deixará calcular a despeza que farão os habitantes de Lisboa. París tem hoje 990 mil habitantes; e Lisboa com seus arrabaldes, que se supprem d'agua comprada a gallegos, não conta menos de 300 mil habitantes; que é uma terça parte da povoação de París: e razoavelmente concluiremos, que são dois milhões de francos, o que custa hoje aos cidadãos de Lisboa e visinhanças a agua que lhes ministram os gallegos. Esta grande somma orça pelo nosso dinheiro na quantia de trezentos e quarenta contos de réis, sem possuirmos a immensa agua que do canal da Bastilha se distribue, para a limpeza, rega de ruas, e outros misteres de París.

Hoje o poço artesiano de Grenelle Saint-Germain, que custou muitos mil francos, lança um tão grande jôrro d'agua, que abastece todo este grande bairro, e póde conduzir-se a outros. Do que terá resultado para os habitantes d'este bairro uma economia consideravel, e nós devemos seguir o mesmo exemplo, abrindo tambem poços em logares da cidade, que devem lançar tanta agua, que dispense qualquer outra.

Traremos para aqui as reflexões do illustre economista, que, sendo escriptas para París, nos pertencem hoje com mais razão, do que aos francezes. Diz elle = «o transporte d'esta mercadoria (agua) é muito dispendioso comparativamente ao preço da compra, «que é pequeno ou nenhum. Póde taxar-se de ser grandemente defeituosa a industria d'um povo, que «não sabe reduzir muito as despezas d'este transporte; tanto mais, quanto a naturcza tem permittido que a agua possa ir por si ao seu destino, quando tenha pequeno declivio, e canos: duas condições «que estão ao alcance da arte: o declivio, porque ha «cem meios d'elevar a agua do ponto d'onde ella parte; os canos, porque se conhecem muitas materias «proprias para este uso. Quando eu vejo transportar

«difficultosamente uma mercadoria tão pesada, á for-«ça de braços, ou de cavallos, devo julgar, que a «industria está pouco adiantada. Muitas emprezas d'es-«te genero, diz-se, teem sido mal succedidas. É pro-«var o que eu affirmo, a industria está pouco adian-«tada. O governo não ha favorecido as tentativas. Es-«te favor não se deveria procurar. Se elle tem recu-«sado, se fez esperar as auctorisações necessarias, é «então o governo que se acha pouco adiantado.» = Continúa o mesmo economista na nota a dizer o seguinte: = «uma companhia ingleza propoz, em 1817, «dar agua a París por meio de machinas de vapôr, «e canos fundidos, mas exigia dar ella os canos, que «as forjas francezas não podessem apromptar em certo «numero d'annos. O prejuizo da balança do commer-«cio, e a ignorancia completa dos interesses nacio-«naes, fizeram rejeitar esta proposição. Os proprie-«tarios de forjas quizeram possuir o fornecimento ex-«clusivo dos canos, e perderam a venda d'aquelles, «que a companhia ingleza se offerecia a comprar-lhes. «Os obreiros francezes perderam o emprego, que uma «tão grande empreza podía dar-lhes; mas foram prin-«cipalmente os consumidores parisienses, que perde-«ram cada anno quatro milhões de economia, tendo «agua mais barata; o que, na épocha em que isto se «escreveu, lhes tinha já feito perder sessenta milhões, «sem contar, que elles se forneceram d'agua parca-«mente, e que são ainda a cada passo embaraçados, «e incommodados por conductores d'agua, por pipas «puchadas em carretas, que pejam e sujam as ruas.»

A doctrina d'este professor acima transcripta, e suas exactas idéas, que nos são hoje applicaveis, contribuiram poderosamente, para que a municipalidade de París abastecesse com muita mais agua a grande capital; porque, diz-nos o *Constitucional* de París — que se contam actualmente em París 1548 chafarizes; 165,411 metros d'aqueductos d'agua corrente, perto de 41 leguas.

Nós sabemos tambem que París consome cem mil pipas d'agua de beber, em cada 24 horas; e Leão consome 22500, afóra outra agua, que é destinada a lavar as ruas, e a outros mistéres, e que ministra o canal da Bastilha, cuja distribuição não custa o que se emprega nos tres vapôres, para tirar do Sena a agua de beber, e um moinho, cujo motor é a mesma agua. Hoje a municipalidade de París, sem depender de companhia, faz por sua conta a distribuição das aguas aos chafarizes de París, pagando os fornecedores, que a dão pelas casas, uma quantia por capa pipa, o que constitue um dos melhores rendimentos da municipalidade.

Os proprietarios que querem ter agua, tambem a conseguem, mandando a municipalidade construir canos, que a levam ás casas, pagando-se certa somma segundo a quantidade, que cada qual convenciona ser-lhe distribuida.

Ha tambem uma companhia para dar agua filtrada em París, que é a melhor agua de beber.

Pelo exposto se conhece que a municipalidade dá, tiradas do Sena, as aguas, para consumo de París, e hoje se faz tão grande distribuição, que não não ha já as faltas, que M. *Say* lamentava.

Nós trazemos esta doctrina, para indicarmos á respeitavel camara de Lisboa, que, se ella não possue meios de ministrar agua ás casas, que a quizerem ter, deve promover que se forme uma companhia, que tracte d'isto.

Pensamos que, aproveitadas as aguas dos chafarizes, que estão juncto ao Terreiro do Trigo, sem deixar que corra ao Tejo as que sobram do consumo, que devem entrar em depositos, como lembrámos no supra citado artigo 75 da Revista Universal, e repartidas convenientemente as chamadas aguas livres, poderá distribuir-se por uma grande parte de Lisboa a agua necessaria para o consumo de seus habitantes.

Se a camara não póde tomar esta empreza por sua conta, deve promover que se forme companhia para este fim. A enorme somma, que se gasta em distribuição d'aguas pelas casas, póde, em grande parte, economisar-se, e empregar-se na construcção de canos, que a levem ás casas. É extrema negligencia deixar esperdiçar tanta agua, que corre dos chafarizes da capital, quando não ha quem encha barrís. Esta immensa agua, que se inutilisa, deveria, pelo menos, ser aproveitada para depositos, que devem fazer-se nas casas contiguas aos mesmos chafarizes, mandando-se construir encanamentos, e collocando grandes pias fechadas na entrada de cada casa, tendo estas pias encanamento para outras casas, a fim de que as pias, que estiverem cheias, communiquem o excesso d'agua para outras. Uma casa com agua dentro da porta para todos os usos poderá valer muito mais, do que as que a não possuirem; por isso ou os proprietarios dos predios contiguos aos chafarizes devem mandar fazer os encanamentos, e pias nos seus predios, ou a camara incumbir-se d'estas obras, obrigando-se os proprietarios a pagar-lhe as despezas. Resultará d'aqui, que muitas casas na proximidade dos chafarizes serão abastecidas d'agua para todos os usos, e mais, do que a que podem obter presentemente, economisando muito dinheiro quem não tem criados, e quem os tem, poderá talvez dispensar um: as casas não ficarão devassadas com os conductores d'agua, com suas impertinencias e traficancias: ficarão tendo muito maior valor; os gallegos levarão menos dinheiro para fóra de Lisboa; as habitações serão mais limpas e aceadas, e seus moradores possuirão o meio de ter mais saude, podendo lavar-se, e tomar banhos a miudo; o que é indispensavel n'um paiz como Lisboa, para se não padecerem graves molestias; e finalmente ficarão os chafarizes mais desimpedidos para se poder levar a agua aos moradores, que a não tiverem em casa, o que tambem fará, que lhes custe menos, pela maior abundancia que d'ella haverá.

Havendo em Lisboa duas companhias uma portugueza, e outra franceza, que fazem excellentes betumes para encanamentos, quando em Hispanha, em França, em Inglaterra, e outros paizes são conhecidos differentes betumes, e argamassas duras, e as mais proprias para encanamentos d'agua, é na verdade doloroso vêr correr nas ruas, e desperdiçar nos tanques a immensa, que deve ser conduzida ás casas. Com verdadeiro, esclarecido, e sincero espirito d'associação serão os trabalhos da distribuição d'aguas em Lisboa de pouca despeza, nenhum risco, e de transcendente utilidade, e interesses para os moradores da capital, e empreendedores de obra tão prestante.

Diz-se ainda em contrario. A agua que ha em Lisboa não é sufficiente para se distribuir em todas as casas. Mas nós diremos que talvez ametade dos proprietarios de Lisboa não se animem logo a fazer despezas

para possuir agua; e por isso póde a companhia ir distribuindo as aguas pelas casas que a quizerem, e ao mesmo tempo poderá concluir os encanamentos, e introducção de novas aguas, que já estão em direcção aos encanamentos antigos, cujas obras devem ficar a cargo da mesma companhia, assim como todas as de conservações e melhoramentos em todos os aqueductos das aguas livres; o que dará á camara um alivio em suas despezas. A companhia poderá com facilidade abastecer toda a cidade d'agua, se abrir poços artesianos nos baixos, que existem entre a Patriarchal queimada, e o Campo de Santa Anna. Com todas as vantagens d'estas grandes elevações, que d'um e d'outro lado vão fechar o grande valle, que entre ellas está, em S. Sebastião da Pedreira, póde affirmar-se como certo, que em todo este valle ha tão grandes lençoes e depositos d'agua, que farão perennes as nascentes dos poços. Todos sabem que no inverno um riacho d'agua se mette no encanamento, que se acha no alto da rua de S. José. O despejo das immensas aguas d'este grande valle, que é todo inclinado, se lança pela rua de S. José e visinhanças, e pela Praça d'Alegria, Salitre, Passeio Publico e suas visinhanças, em cujos logares se devem abrir poços artesianos, que darão tão grande quantidade d'agua, que talvez chegue a abastecer a 4.ª parte da cidade. Se a tentativa d'el-rei em abrir um poço artesiano na Praça de S. Paulo não foi feliz, por topar com as antigas ruinas dos terremotos, e grande abundancia de agua sulfuria, que se misturava com outras que se encontraram, não deve isto desanimar o patriotismo, e constancia dos empreendedores, e muito principalmente d'uma companhia.

Se as nossas emprezas estão desacreditadas, porque não sabem especular, nem dirigir-se com habilidade, é necessario convidar para a empreza da distribuição das aguas em Lisboa as companhias de fóra, e principalmente algum membro da que em Londres tracta d'esta util e benefica tarefa: porque, acostumada esta gente a avaliar e conhecer aquella qualidade de obras, não se enganará, nem esperdiçará o que mais convier para os resultados felizes, que mais se podem esperar d'homens experimentados, do que de aventureiros, pouco calculadores, e apreciadores, se não tiverem outros defeitos.

A nova caixa commercial de Lisboa poderia dar vantajoso emprego aos seus fundos, se os applicasse primeiro em fazer encanamentos, para distribuir nas casas da visinhança dos chafarizes a agua que sobrasse, depois de fornecidos os aguadeiros, e se formasse um encanamento desde o Terreiro do Trigo até o Largo do Conde Barão, para ministrar agua em toda esta direcção não só em casas, mas em chafarizes, o que facultaria a formação de chafarizes novos no Bairro Alto, e maior distribuição d'aguas em casas.

O artigo vai longo, e por isso concluiremos que, se não dissemos, o que poderia, sobre a materia, dizer um sabio, pelo menos abrimos campo, para discussão nos clubs e associações, a fim de que, depois de debates e indagações mais profundas, se consiga abastecer a formosa Lisboa de muita agua, que lhe dará jardins, arvoredos, passeios mais amenos, mais aceio, limpeza, economia em gastos de roupa e lavagens, e finalmente mais civilisação, e saude.

C. Xavier Pereira Brandão.

CONSERVAÇÃO DE CARNES PARA COMER.

1947 M. Dussourde descobriu o modo de conservar carne por meio de um xarope ferruginoso; xarope que não se altera com o tempo. A carne, que tem sido posta de molho n'este xarope, sécca diminuindo muito pouco em volume, e não é atacada pelos agentes mais activos da putrefacção. Quando se quer comer, deita-se de molho em agua fria, e depressa toma o seu volume ordinario. A sua côr e cheiro são então os mesmos, que os da carne fresca, cujas qualidades conserva todas. Faz-se o xarope fervendo ferro, que se tem reduzido a pó impalpavel, com xarope ordinario até ao ponto de este ultimo se tornar sufficientemente impregnado com o pó de ferro.

ILLUMINAÇÃO PELO GAZ.

1948 MM. Rouen e Busson obtiveram uma patente em Paris pelo descobrimento de um modo de illuminação por gaz, que se produz por si mesmo, a qual excede os outros modos até aqui usados em brilhantismo e economia; esta, segundo elles, é tal, que custa apenas uma sexta parte do preço do azeite, que seria necessario para produzir uma luz similhante.

A substancia, que empregam, é náphta de carvão de pedra, essencia, que se obtem pela destillação do alcatrão do carvão de pedra, que é um dos productos da destillação do carvão de que se extrae o gaz para a illuminação.

MINAS DE OIRO.

1949 Tem continuado a fazer progressos na Russia a extracção do oiro das arêas auríferas. Em 1842 só as da Siberia produziram mais de 20 mil libras de oiro, (6 milhões de cruzados). No mesmo anno achou-se na Siberia uma massa de oiro nativo de 70 libras de pêso e do valor de perto de 50$000 cruzados.

Em Portugal ha arêas auríferas; por exemplo as da Adiça, ao sul do cabo do Espichel. Conviria applicar-lhes o novo processo de extracção do oiro, o qual já foi publicado no Diario do Governo, no anno de 1838 a 1839. Não insistimos mais n'isto, o proprio interesse é a mais eloquente suasória.

PRESERVATIVO CONTRA A PESTE.

1950 O governo russo, que ha tempos mandou ao Egypto uma juncta de medicos para fazerem observações sobre a peste, publicou ha pouco uma relação d'esta juncta, onde ella affirma, que obtiveram completo resultado, as experiencias feitas por meio do calórico para purificar os objectos infectos da peste; e exprime a esperança de que ha-de tambem mostrar, por mais experiencias a efficacia do mesmo agente, como meio especifico para a destruição dos miasmas.

ESTATUA EQUESTRE.

(Carta.)

1951 *Sr. Redactor.* — Ha muito tempo tencionava escrever algumas observações sobre a conservação do monumento do Terreiro do Paço, segundo disse particularmente a V. mas como hontem lá vi preparativos para algum concêrto, e não posso antever quaes elles serão; rogo a V. ; o favor de publicar as seguintes lembranças: — A estatua deve ser limpa do verdete, que lhe estraga as delicadezas do cinzel. Deve ser coberta com uma demão de verniz que faz que

as estatuas de bronze resistam ás inclemencias do tempo. — O pedestal deve ser limpo, assim como todas as esculpturas de pedra que estão cobertas de umas plantazinhas pretas (familia dos *lichens*). Deve fazer-se (e julgo que para isso se poriam lá as escadas) o concerto, de que falla o artigo 1917 da Revista Universal Lisbonense.

Se fôr possivel deve emendar-se um defeito que (dizem os mestres da equitação) existe nos lóros.

Tambem ha um verniz para as esculpturas de pedra, e d'elle falla *Montabert* no seu tractado de pintura, o que poderia muito bem servir para este caso.

22 de julho de 1843. De V.

João Augusto Amaral Frazão.

—

As lembranças do nosso correspondente parecem-nos merecedoras de attenção. A côr de vetustade é sem duvida uma formosura nos monumentos, e um incentivo de veneração, mas é tambem um veneno lento, que os corroe: o sentimento poetico deve arrear bandeira á utilidade material, quando esta fôr evidente, como aqui é. — Branquear (só por branquear e amodernar) a pedraria ao frontispicio de um templo de largos seculos, como em varias partes d'esta cidade se tem feito, é uma ostentação de máu gosto, que se não defende por consideração alguma de interesse. — N'uma obra porém qual esta — monumento muito mais do Phídias portuguez Machado do que do proprio rei — tudo quanto lhe escurecer alguma parte dos primores, ou ameaçar vir com o tempo a desfigural-a, sacrilegio seria o consentil-o. — Por esta mesma razão nos affoitamos a lembrar, que o projectado trabalho, qualquer que seja, se não commetta senão a mãos habeis e zelosas de verdadeiro artista; — e taes são as do Sr. *Rodrigues*, discipulo e successor do mesmo Machado.

Sem ânimo de offender a quem quer que seja, fazemos esta advertencia, por acautelar desacertos, em que involuntariamente se podéra caír, e em que se se tem caído mais de uma vez. Muitas esculpturas ricas podéramos apontar, que, entregues para limpeza ao braço secular de canteiros ou curiosos, saíram da operação desfiguradas e perdidas; podéramos fazer rol d'estas estatuas escamadas, mas temol-o por superfluo. — É de esperar que a esse já copioso recenseamento de vergonhas se não ajuncte, como corôa, a de deturpar, sob pretexto de bom serviço, o que de toda a Europa até hoje tem sido contemplado com respeito, com admiração, e com inveja.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. FR. AMADOR ARRAES.

1.° *de Agosto de* 1600.

1952 Filho da antiga Béja pelo nascimento; primogenito do collegio do Carmo calçado de Coimbra pela profissão religiosa, foi o Bispo D. Fr. Amador Arraes. Se os cargos, e condecorações são titulos, por que se mereça ficar em memoria nos seculos futuros; muito o merece em verdade o nosso Bispo. Em não interrompida série passou pelos postos seguintes. Doctor theologo pela universidade de Coimbra; professor de philosophia e theologia entre os seus confrades, e o que mais é, entre os conegos de Sancta Cruz; prégador regio; Bispo Adrumentino, titulo, que se trocou pelo de Trípoli; coadjutor do Cardeal Infante D. Henrique, quando Arcebispo de Evora; e seu Esmoller-mór; e depois promovido a Bispo de Portalegre. Mais alto subiria ainda, se não resignasse todas as honras do mundo, para se recolher de novo á sua querida cella de Coimbra, aonde falleceu em outro tal dia como o de hoje no anno de 1600. — Estereis seriam porém todas estas honras, se não fossem fecundadas por virtudes e lettras, para produzirem fructos abençoados. — Não permittem os estreitos limites, em que nos vemos apertados, estender muito a escriptura ao devido panigyrico de tão esclarecido varão.

Passando pois em silencio o carinhoso disvello, com que sempre soccorreu a todos os desvalidos; e a sua ardente charidade para com os feridos da peste; só traremos á lembrança quanto a sua diocése lhe foi devedora em outra occasião, mais solemne, á força de ser mais fatal. Fallamos da espantosa perda de Africa em 4 de agosto de 1578; d'esse como novo peccado original, a que ficou sujeita a raça portugueza, e cujos funestos resultados, transmittidos de geração em geração, ainda hoje pesam tristemente sobre nós, e pesarão talvez para sempre sobre nossos netos. Foi n'esta occasião, que o Bispo de Portalegre se constituiu um verdadeiro redemptor do seu bispado, porque á custa dos mais penosos sacrificios conseguiu ajuntar as sommas sufficientes para resgatar todos os soldados do mesmo bispado, que, tendo escapado á grande catastrophe, gemiam captivos e oppressos em ferros de infieis.

Se o consideramos agora como escriptor, não merece menos a nossa veneração. Um só livro nos deixou, mas livro, que val por muitos livros. São *Dialogos;* fórma de escrever auctorisada por grandes homens da antiguidade, em cujo numero figuram com esplendor Platão, e Cicero. O ultimo quartel do seculo de quinhentos foi tambem de boa estrella para os portuguezes, que empreenderam imitar tão bons exemplos. Não menos de tres dos nossos mais estimados classicos escreveram por esse tempo os seus *Dialogos*.

¿Quereis por exemplo estudar a historia d'esta gente lusitana, e aprender coisas não apontadas por chronistas, aliás miudos e prolixos? Lêde os *Dialogos* de Pedro de Mariz. — ¿Quereis dirigir vossas acções pelos dictames da mais apurada philosophia, e dos sanctos preceitos da lei christã? Lêde os *Dialogos* de Fr. Heitor Pinto. — ¿Quereis finalmente licções não só de historia, e philosophia, mas de politica, de moral, de mistica, de polemica, de cathechése? Lêde os aureos *Dialogos* do Bispo Arraes; que tudo isso alli achareis, exposto n'um stylo tão suave, n'uma linguagem tão apurada, que vos fio vos não enfadará a leitura.

¿E como se não serviria de todos os feitiços da linguagem e do stylo, quem os conhecia tanto a fundo? ¿E como não enlaçaria o agradavel com o util quem gravou esta sentença (Dial. 4.°) — «Tambem soffro «com impaciencia a devassidão, que corre nas impres«sões, que não foram inventadas pera nellas estam«parmos semsaborias, fabulas mal compostas, ficções «méras e vãs, que não aproveitam pera exemplos de

«bons costumes. Por incomportavel he ver occupadas «as officinas, que foram invenção divina, de cousas «semelhantes?— ¿E que diria o bom do Bispo de Portalegre, se vivêra n'estes nossos tempos? Adivinhae-o vós, se poderdes, que não seremos nós quem vos vá descobrir faltas alheias, que sem maravilha poderão ser tambem nossas.

J. H. da Cunha Rivára.

DUÈLLO.

1953 O jornal *Sémaphore de Marseille* diz — que o insigne *Alexandre Dumas*, fecundissimo dramaturgo e novellista da França e do mundo todo, tivéra, segundo era fama, um duéllo em Florença, e n'elle fôra assassinado conforme as regras da arte. — ¿Quem, depois de ler isto, correndo com um relancear da memoria todas aquellas innumeraveis paginas, tão ricas, e ainda tão promettedoras — as semanas e mezes de encantamento, que por ellas gosou, poderá perdoar ao seu adversario e a elle mesmo a brutal e subita destruição de tão altos futuros, de gloria para o homem e para a patria, de illustração e de prazeres para o genero-humano? — ¡Porque *Dumas* não podia contar mais de trinta e nove annos!

Deixamos aos defensores do duéllo o difficil empenho de demonstrar — que um pontinho de honra, provavelmente uma nica, uma tolice, uma palavra mal soante ou mal intendida, pesam mais que todas estas considerações.

Felizmente os jornaes de Paris contradizem a noticia do *Sémaphore de Marseille*.

A impressão de alegria, causada por este desmentimento em todos os espiritos illustrados, vem corroborar ainda a força do argumento.

ANTIGUIDADES ASSYRIAS.

1954 Mr. Botta, consul francez em Mossul, principiou ha um anno a fazer excavações no logar onde esteve a cidade de Ninive, que tão farmosa é na Escriptura Sagrada, e jaz na margem do rio *Tigre*, de fronte de *Mossul:* ha pouco tempo descobriu inscripções em characteres cuneiformes, descobrimento este muito importante, porque até agora não se tinha achado nenhum monumento esculpido dos assyrios.

O governo francez mandou dinheiro ao consul para poder continuar os trabalhos.

FLÔR-DO-MAR.

(Historia de um barqueiro.)

IX.

As senhoras visinhas.

1955 Oito dias depois da scena, que tentámos delinear não se fallava em todo o logar se não da loucura de Antonio e de sua filha. Nos conciliabulos, que ao descaír da tarde faziam ás portas de suas casas as mais sabidas e tagarellas, a pobre Maria era o assumpto constante de todas as murmurações.

Ha muito quem tenha gabado o socego profundo e a ausencia de todo o arruido mundano nas nossas aldêas: será bom socego aquelle, mas não o invejamos nós. A falta de novidades e a vida uniforme, que se passa, são causa da muito extrema curiosidade e da infatigavel mordacidade que serve de entreter a energia das linguas feminís. As modas, os prazeres e até.... até a politica — a politica, sim — que serve de entreter os habitantes das cidades, nas aldêas reduzem-se a procurar erguer algum canto do véu que encobre a vida privada, a espreitar por elle e a pôr aos olhos do mundo o visto e o não visto. É vicio tambem de grandes povoações, mas é sobre tudo o vicio dos logarejos.

Outro facto tambem, não menos notavel para o observador, é que de todas as pessoas expostas á maledicencia, as que ella mais voluntaria e mais affincadamente escolhe para seu pábulo, são as que lhe parece gozarem de maior paz do céu, e sobre tudo, as que a esta íntima felicidade junctam a de serem tidas em boa conta e geralmente respeitadas. É contra estas, que os dardos agudos da malevolencia se apontam com preferencia.

A familia de Antonio era das que estavam n'este caso. Ainda não havia sido possivel ás senhoras visinhas saber de nenhuma perturbação íntima entre aquellas tres creaturas tão unidas, e tão amantes. Não tinham podido achar preza: estavam desesperadas.... ¡Pois não era que lhe ellas não tivessem feito bem a diligencia!

Ora, para sermos historiadores exactos, devemos confessar que de todas as más linguas de um par de leguas em redondo, as senhoras visinhas da Fuzêta tinham a honra de ser as linguas peiores e as mais damninhas.

Uma tarde ao pôr do sol — era um domingo — estava um crescido numero d'aquellas respeitaveis matronas, acompanhadas da sua prole femea — que fazia rancho e murmuração á parte — estava, diziamos, um crescido numero sentado debaixo do pequeno alpendre de uma d'ellas. Era uma scena pictoresca; um julgamento como o dos antigos monarchas do Oriente: a destribuição da justiça á porta das choupanas; ¡mas que justiça, Deus do céu! Primeiro fallavam todas ao mesmo tempo como se levassem em gosto particular ensurdecerem-se mutuamente. Pouco a pouco foi serenando a tempestade, e o instincto da maldade conseguiu restabelecer a *ordem* n'aquelle petulante parlamento de bruchas velhas. O projecto de que havia tres dias se tractava era a vida da nossa heroina. Tres dias havia que durava a discussão, e estava ainda um grande numero de oradoras inscripto. — Era mais complicado do que um capitulo do orçamento. — O grande *desideratum* das Megéras do logar estava alcançado. Tinham conseguido abrir fenda por onde podessem espreitar para o íntimo d'aquella vida, e postoque similhante fenda nada lhes revelasse, era todavia quanto bastava para fabricarem uma novellasinha interessante e apetitosa, tanto mais recheada de escandalos quanto era mais atrasado e mais vivo o desejo, que tinham aquellas boas almas de entrarem em assumpto para ellas tão feiticeiro.

— Ora vejam, vejam lá — dizia uma das circumstantes sorvendo uma estrondosa pitada de *simonte*, que era o acompanhamento obrigado da sua facundia — vejam aquella *sonsinha* da Mariquitas, que parecia que não quebrava um prato....

— E deita a cantareira abaixo — interrompeu d'alli outra, que era muito sabida em rifões, e que estava arrebentando por metter a *sua colherada*, como ella mesma dizia.

N'este ponto a *ordem* esteve para ser interrompida muito a sério, porque a illustre preopinante que encetára o discurso não se conformava facilmente com as interrupções. Todavia o exemplo estava dado, e os meus leitores, e tambem as minhas leitoras bem sabem o que é um máu exemplo.

— Bem dizia a comadre *Thareza* quando era viva — acudiu outra, que viu aberta a paléstra e que não quiz perder occasião — bem dizia ella, (Deus lhe falle n'alma, que havia de ser uma sancta creatura se não fosse pregar algumas peças ao marido) bem o dizia ella. Não se fiem no cão que dorme.

— ¡ Ora, louvado seja Deus! ¿o que é o mundo? — tornou outra. — Eu sempre disse que aquella *sonsice* encobria alguma. O que a mim me admira é o pae. Metter um homem (¡ábrenúntio!) metter um homem de portas a dentro tanto tempo, e depois de haver o que houve não lhe querer dar a filha. . . .

— Sempre é preciso — acudiu a padeira do logar — especie de Amyota, côr de lagosta, casada com o mais exiguo vulto de homem, que, talvez pela enormidade do seu volume, gozava os creditos de um oraculo não só com o marido, para quem o tal oraculo se traduzia em alentadissimos bofetões, se não tambem com as comadres e visinhas, que todas tinham recebido provas mais ou menos concludentes da sua infallibilidade. — ¡ Sempre é preciso ter bem pouca vergonha e bem pouca attenção com a decencia e a honestidade! . . .

A boa da padeira tinha suas vaidades de *bem fallante*, e Deus sabe aonde ella iria dar comsigo se o rancho das senhoras visinhas, prevendo a tormenta não lhe tivesse mão com uma especie de estrepitoso e manhoso applauso, que lisongeando-a, por um difficil sistema de equilibrio ou compensação, teve o feliz resultado de previnir os possiveis effeitos que a indocilidade do auditorio talvez produzisse.

O mais pictoresco da scena, era que a virago que assim hostilisava os abusos contra a decencia e a honestidade havia sómente oito dias, que deixava de prestar assumpto ás senhoras visinhas, por causa da sua intimidade com um lanceiro que fôra ao logar vêr os parentes, cujas consequencias não estavam ainda satisfatoriamente averiguadas. . . . ¡ para o bom do marido!

Para que porém melhor se intenda a conversação das senhoras visinhas, bom será declarar uma circumstancia. Quando o mancebo official esteve no logar, as raparigas que o achavam muito do seu agrado não podiam vêr, que elle só tivesse attenções para Maria. Se muito odio lhe tinham por sua formosura, muito mais lhe ficaram tendo por esta preferencia, que a ellas as prejudicava, de modo que tanto fizeram, tanto lidaram que lograram saber, que elle fôra pedir Maria, e que Maria lhe fôra negada. Imagine-se que festa seria para ellas aquella circumstancia. Não faltavam chascos dos mais amargos dirigidos ao official, de modo que elle despeitoso pelo *desapontamento* que soffrêra, e talvez desejando vingar-se, acabou por dizer a quem o quiz ouvir, que se fôra pedir Maria era para satisfazer a *sua honra* — que muito estimava que o pae lh'a tivesse negado — e que visto não lhe acceitarem a reparação que tinha offerecido, elle pela sua parte estava já de todo desobrigado.

Foi o que aquellas boas almas quizeram ouvir. Os dictos do official junctos com uns certos *zuns-zuns* que principiavam a correr ácerca da briga nocturna, por que a final tudo se sabe, pozeram logo em geral levante as linguas de prata do logar. *Pronunciaram-se*, e podemos affirmar-vos que se *pronunciaram* sem embaraço, nem engasgue.

Primeiro foram confidencias ao ouvido, depois foram murmurações ao canto de alguma logita, a final acabou por ser objecto de pleno consistorio.

Na tarde que dizemos, Maria e sua mãe tinham ido assistir á pratica de um missionario que alli tinha chegado. Quando voltaram para sua casa passaram por diante do alpendre, que abrigava o tremendo parlamento. A violencia das oradoras redobrou á vista do objecto das suas raivas. Maria ia n'essa tarde tão linda da sua lindeza, tão encantadora de modestia e innocencia, que velhas e raparigas começaram a levantar injuriosas antiphonas na escalla mais subida a que podia cada uma chegar. No fundo d'alma, nenhuma accreditava uma palavra de tudo o que dizia; mas todas fingiam a mais completa credulidade. — Nos seus conceitos Maria era uma rapariga perdida. Rosa uma depravada, e Antonio (que ellas sabiam muito bem não se achar em terra) um doido, ou um velhaco.

Maria e Rosa ouviram tudo. Não responderam. Apressaram o passo com as faces incendidas, e os olhos arrasados de lagrimas, e foram encerrar-se em casa.

Rosa apenas entrou atirou-se aos braços da filha, cingindo-a ao peito com tão immenso affecto que parecia querer suffocal-a, e por entre o delirio de mil soluços phreneticos póde apenas exclamar:

— ¡ A esta . . . . não, a esta não resisto eu!

D'ahi a tres dias estava de cama com uma febre aguda.

(Continuar-se-ha.)

Mendes Leal-Junior.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

1956 Dura a anciosa curiosidade ácerca da HISPANHA. — Chegam os correios mas faltam os jornaes, e as noticias, que se dizem vindas em cartas particulares são confusas, defectivas, e encontradas. Madrid permanece ainda pelo governo velho; sem embargo a opinião mais geral é de que o *tiranno* ficará debaixo na sua lucta com a nação.

Insistimos em chamar a Espartero tiranno, posto hajamos de desagradar n'isso ao *pé de boi* correspondente da *Restauração*, a quem aliás nos confessamos obrigados pelo elogio, que n'essa mesma carta dá á nossa folha, e que não julgamos ser ironico: no proprio escripto do *pé de boi* ha, se nos não enganamos, expressões que se Espartero não fosse tiranno de modo nenhum seriam cabidas.

A PRINCEZA.

1957 A 21 do corrente entre uma e duas da tarde, deu S. M. Fidelissima á luz uma linda princeza, com tão boas fadas em tudo, que nem quasi dôres custou a sua mãe. SS. MM. desejavam ardentemente uma menina; a Providencia coroou os seus desejos. Bem é que os opprimidos com o pêso de uma corôa, e que no meio das pompas tão apartados vivem dos contentamentos da vida singela e inobservada, tenham lá no alto do seu brilhante destêrro estas amostras das inefaveis delicias da vida íntima e domestica.

UMA TRASLADAÇÃO MEMORAVEL.

1958 Em 1630, D. Antonio Mascarenhas fidalgo, e capellão da casa real, fundou sobre a rocha depois chamada do *Conde d'Obidos*, ao norte do Tejo, um convento e hospital segundo o instituto que havia creado em Granada, o nosso sancto portuguez João de Deus — cuja vida constitue um dos mais preciosos monumentos da charidade christã.

Era o edificio, não sumptuoso, mas amplo: e pela structura e situação mui appropositado para o intento. Alli se curavam e agasalhavam os clerigos pobres, para quem principalmente estavam sempre francas aquellas portas. Por muitos annos serviu tambem de hospital militar.

O templo era de modesta fabrica, mas vasto e bem adornado. Tinha por baixo da capella mór, um grande carneiro, no meio do qual estava o fundador em um cofre posto no chão, entre quatro pilares de pedra, sobre que assentava uma grande lapida com as suas armas e epitaphio. Este carneiro era allumiado e arejado por tres janellas de grades, que deitam para o mar, e descia-se a elle por uma escada praticada no meio da egreja. No dia de finados estava patente, e accorria lá muita gente para ver a grande quantia de esqueletos e mûmias que alli se conservavam perfeitamente havia muitos annos. Tambem era pavoroso ver outro subterraneo tão cheio de ossaría humana, que mettia mêdo.

Quando os conventos foram á praça para as urgencias do Estado.... ficou este de fóra. Foi para lá a repartição do Commissariado — e entre os arranjos *a la moda* que para seu commodo se fizeram, dizem-nos que se começou a *alimpar* a egreja para lhe metter palha ou coisa similhante! Mas é certo que além das pedras dos altares e do lagêdo do pavimento da egreja, e o da sacristia (que era de preço) não se mexeu em *mais* nada — o projecto não foi ávante. O templo conservou-se fechado — mas chegou-lhe agora a sua vez.

Annunciou-se (não sabemos quem o fez, porque se não declarou) *ás pessoas que tivessem ossos que lhes pertencessem, no extincto convento de S. João de Deus, viessem tomar conta d'elles, quando não iria tudo para o cemiterio dos Prazeres.* Bem desarrazoada nos pareceu tal determinação, porque isto assim, importava, pagar-se a cova duas vezes, para os que o podessem fazer — e para os que não tiverem meios de realisar a trasladação, ficarem sem saber aonde param as reliquias dos seus passados. Em ambos os casos, e mórmente no segundo, se commette um esbulho escandaloso! Temos por ocioso apontar o como *era dever* (intenda-se bem) que a auctoridade pública procedesse em taes circumstancias.

Pouco ou nenhum effeito surtiu o tal annuncio: e então domingo 16 do corrente, o prior e mais cleresia da parochia de Sanctos-o-Velho, acompanhado de todas as irmandades da freguezia, conduziram ao cemiterio de *N. S. dos Prazeres*, em seis esquifes cobertos com ricos pannos de lucto, alguns ossos, e os esqueletos que se achavam mais inteiros. O préstito ía solemnemente funebre, numeroso e acompanhado por uma guarda de infanteria, cuja musica revesava as suas harmonias lúgubres com os sons lamentosos das resas que entoavam os sacerdotes.

Depositaram-se estes ossos na ermidinha do cemiterio para depois se lhes dar sepultura. ¿Mas porque foram estes preferidos aos que ficaram, e lá estão, na profanada egreja em monte na capella mór? Duvidaram acaso que tudo aquillo não fosse ossaría humana? Ou reconheceram ainda *distincções* nos ossos dos que já as não podem ter senão perante Deus? Justiça seja feita — parece que nem *rasões* d'estas souberam dar a quem assim os perguntou. Foi sómente porque havia sua *difficuldade* em se transportarem todos de uma vez — foi por uma d'essas mesquinharias que andam sempre a par das nossas coisas. Por isso levaram-se alguns ossos, para *amostra*, com toda aquella pompa, *por cerimonia*: agora os mais irão quando houver tempo, e talvez, *disfarçadamente*, nos carros das obras publicas, ou.... sabe Deus aonde!

Quem lhes disséra, que estando elles alli na paz do sepulchro esperando pelo dia de juizo, os hávia de accommetter primeiro um sem juizo!

..... *dimite illis.*

A egreja lá está escancarada — mette horror e faz lastima. Despejada das imagens e quadros — o pavimento arrancado — a terra toda revôlta — os carneiros e sepulturas abertos — e a grande méda de ossos na capella mór — os ornatos aos feixes pelos cantos — já tudo escavacado — de sorte que ninguem dirá que se está desmanchando, mas sim que lhe deram sacco — e muito á pressa!

É o modo porque se teem *aproveitado* as egrejas de quasi todos os conventos.

Ao menos devia a auctoridade competente, antes de relaxar estes monumentos ao braço *picaretal*, mandar recolher ou registar todas as inscripções, epitaphios ou qualquer memoria, que podesse servir para a nossa historia. Bem vemos que já é tarde — mas salve-se o que se podér.

Dos conventos das ordens de que ha chronicas, ainda nos ellas conservam muitos d'esses documentos — mas d'esta de S. João de Deus, da qual havia no reino dôze conventos, fóra os do ultramar, assim como d'outras muitas ordens, não temos chronica, e só ha a hispanhola de fr. Juan de los Sanctos, que pouco diz do convento de Lisboa.

As unicas inscripções que achamos ainda n'esta egreja, talvez por estarem abertas em duas enormes lapidas, que hão-de custar a remover, senão teriam já sido vendidas a tanto por palmo, misturadas com toda a mais cantaria — são as seguintes que trasladamos aqui, antes que venham tambem a cair — «nas mãos da bruta gente.»

Sepultura de Francisco Mãz e de seus herdeiros de que he padroeiro por deixação e nomeação que n'elle fez Dom Antonio Mãz seu tio, instituidor d'este hospital, serviu a esta corôa cincoenta annos em Tangere, armadas de Flandes, India e China. Foi da camara e chave doirada do Emperador Mathias: Quando esteve em Flandes a não acceitou do Archiduque Alberto que lha mandou offerecer. Foi capitão almirante geral da China, e duas vezes nomeado Visorey da India quando lá esteve, e mandado segunda vez d'este reino. Do Conselho de Estado de Castella, e o he hoje de El Rey Dom João IV. Falleceu a 30 de agosto de 1651.

Estava na capella mór sobre o carneiro que acima deixamos indicado.

Aqui jaz Dom Antonio Mascarenhas, do Conselho de S. M. Deão da Sua Real Capella, Commissario geral.

da S. Cruzada e fundador d'este hospital de S. João de Deus. Falleceu a 7 de Setembro de 1637.

Estava dentro no carneiro, sobre o caixão que tinha os ossos do fundador, o qual se acha hoje em S. Francisco de Paula, a rogos do fallecido conde de Sabugal seu descendente.

D'este D. Antonio ha um livro em boa linguagem portugueza, escripto ao Papa, sobre as arbitrariedades e insolencias praticadas pelo seu collector da Bula da Cruzada n'este reino. — É obra curiosa.

Silva Tullio.

ESCULPTORA PORTUGUEZA.

1959 «*Academia Portuense das Bellas-Artes.* — Illustrissima e excellentissima senhora D. Maria Margarida Ferreira Borges. — A academia portuense das Bellas-Artes, desejosa de dar um testimunho publico de que présa quanto concorre para a gloria nacional, e anciosa ao mesmo tempo de ter no seu gremio uma artista de tão abalisados talentos como mostram os bustos, que V. Ex.ª ha esculpido em barro, sem mais mestres que a natureza, e sem mais instrumentos, que os do talento, em conferencia de 31 de março do anno corrente, e por proposta do substituto de architectura, elegeu a V. Ex.ª, que lhe pertence como portugueza e como portuense, academica de merito; e submettendo esta eleição á approvação de Sua Magestade a Rainha, teve a satisfação de a ver confirmada por portaria de 18 de maio, a qual vae por cópia juncta. — A academia confia em que V. Ex.ª dará mais uma prova do amor que consagra ás bellas artes, annuindo aos votos que ella tão ardentemente manifesta. — Deus guarde a v. ex.ª — Porto em conferencia de 29 de maio de 1843. — Joaquim da Costa Lima Junior, director interino. Francisco Antonio da Silva Oeirense, lente de desenho historico, e de gravura — Manuel da Fonseca Pinto, lente de esculptura — Francisco Pedro d'Oliveira e Sousa, lente substituto de esculptura — Domingos Pereira de Carvalho, lente substituto de pintura historica — Manuel José Carneiro, substituto de architectura servindo de secretario.»

RAPTO.

1960 «No primeiro do corrente foi preso em Bemfica — diz uma correspondencia dos Pobres no Porto — um saloio, que levava furtada uma menina de cinco annos.»

UM HOMEM DE HABILIDADES.

Lê-se n'uma carta escripta de Lisboa aos Pobres no Porto de 13 do corrente: —

1961 «Anda n'esta cidade um estrangeiro, fazendo jogos habilidosos por casas particulares. Ha dias foi elle á Graça, a casa de um empregado publico fazer sortes e habilidades; — havia na casa uma menina de 18 annos, que gostou da ligeireza de mãos do estrangeiro, e fugiu de casa. — Nem ella nem o homem das habilidades apparecem.»

THEATRO PORTUGUEZ EM S. CARLOS.

1962 A 31 do corrente anniversario do juramento da CARTA e do nascimento de S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança, irá a companhia nacional da Rua-dos-Condes representar no theatro de S. Carlos o grande e formoso drama *O Ramo de Carvalho*. Seguir-se-ha um bailado *chinez*, desempenhado pelos dançarinos do mesmo theatro.

PARTO ESTUPENDO.

Copiamos da *Coallisão*: —

1963 «Ha coisa de tres mezes, uma egua tendo o seu *feliz successo*, deu á luz duas femeas, gemeas; mas não é aqui que vae a raridade: é que uma era mula e outra egua!! É mais um osso para roerem os embryologistas.

«Este caso não é d'aquelles, que os francezes costumam citar nos seus livros; e que nunca existiram senão na phantasia. Aconteceu, por signal, em casa do Sr. Capitão de ordenanças da freguezia de Silvalde, no concelho da Feira.»

ARROMBAMENTO DE CADÊA.

Lê-se nos *Pobres no Porto* de 17 do corrente: —

1964 «Em a noite do dia 8 corrente tentaram os presos, que estavam na cadêa de Barcellos arrombal-a, auxiliados por uma malta de fóra que se esperava armada. O juiz de direito, Manuel de Freitas Costa, delegado e administrador do concelho, surpreenderam de noite a cadêa (por denuncia) e encontraram o arrombamento proximo á sua conclusão. Acharam-lhes ferros de assento e mais utensilios. Formaram o auto, e se tomaram as providencias convenientes requesitando-se tropa: alguns presos sentenciados são mandados para o Porto, e outros não sentenciados para Braga.

«O plano dos presos era horroroso, e principiava pelo assassinio do carcereiro. O preso, auctor da fuga, tinha uma faca juncta ao pé e dentro do capato; é moço, e bem figurado: — já matou o irmão.

«O carcereiro fez grandes serviços, assim como o juiz de direito e delegado.»

DESPERTADORES PARA A EMIGRAÇÃO.

Lê-se nos *Pobres no Porto* de 13 do corrente:

1965 «O brigue portuguez — *Maria Felis* — capitão Antonio Luiz Gomes, vae saír para Pernambuco até 20 de julho, recebe carga e leva passageiros PAGANDO N'ESTA OU EM PERNAMBUCO; tracta-se com seu consignatario Manuel Joaquim de Sousa Ribeiro na Praça de St.ª Thereza número 44.»

POÇO TRAGICO.

Lemos nos *Pobres no Porto*: —

1966 «Sexta-feira de tarde, indo a mulher de um jornaleiro em *S. Roque da Lameira* tirar agua de um poço caíu n'elle e se afogou. O marido desceu ao mesmo e tambem caíu; foi preciso tiral-o por meio do mesmo balde. Tinha dois filhos pequenitos.»

UM FRATRICIDIO E UM CONJUGICIDIO.

1967 *Sr. Redactor.* — A freguezia de S. Vicente da Chã, na comarca de Montalegre, acaba de ser theatro de dois assassinios, que por sua gravidade, e circumstancias envergonham a humanidade, e horrorisam a natureza.

Na povoação de Peirezes, tendo andado dois irmãos a segar feno no dia 7 do corrente julho, recolheram-se a casa em companhia um do outro, e segundo parecia em paz e harmonia: logo que chegaram fez um d'elles ao outro uma reflexão, que não era de offender ainda ao espirito mais colerico, e susceptivel de

irritação; e recebeu d'elle em resposta, uma punhalada, que lhe roubou a existencia. — O fratricida, depois de ter enxovalhado com aquelle sangue as suas mãos, e a casa do seu nascimento, na propria presença de quem lhe deu o sêr, mostrou signaes de arrependimento, e evadiu-se.

A opinião publica dá por motivo a este horroroso attentado a emulação que havia entre os dois irmãos ácerca de qual d'elles havia de casar, e estabelecer-se na casa de uma visinha, que tinha duas unicas filhas com quem andavam enamorados os dois desgraçados.

Tres dias depois, juncto á povoação de *Castanheira*, e no caminho que d'alli vae para a de *Penedones*, appareceu morto um homem natural de *Penedones*, e cazado, na *Castanheira* havia 6 para 7 annos. Tinha mostras de haver perdido a existencia á força de muitas e fortes pancadas, que barbara, e desapiedadamente lhe descarregaram sobre a cabeça. — As diligencias do activissimo juiz de direito d'esta comarca, Antonio Corrêa Botelho Teixeira Rebello, que para logo se dirigiu áquelle logar, acompanhado do Delegado interino José Joaquim Ferreira Caldas, e mais empregados do juizo, e facultativos, a fazer o competente exame, e inquirir testemunhas, foi sem duvida devída a prisão, que no mesmo dia se effectuou da sogra e mulher do miseravel assassinado, e de um sugeito, que tinha sido creado da casa — os quaes a voz pública, unanime, logo deu por auctores do crime, commettido contra um homem de bom natural por aquelle mesmo que mais lhe devia querer e estimal-o.

A mesma opinião pública attribue esta infame tragedia a uma escandalosa mancebia, que a mulher do desgraçada victima mantinha com o dicto criado, havia já quatro para cinco annos; recusando-se a pagar o debito conjugal áquelle a quem só e toda pertencia: maldades estas em que sua mãe, pelo que dizem, era sabedora e fautora. — ¿E será verdadeira a fama? — quem sabe. Altos e seguros juizos só os do Senhor — permitta elle que a verdade se descubra, e não fique envôlta no véo da incerteza, para recaír a pena e castigo das leis em quem o merecer. Todavia circumstancias se deram que muito reforçam o credito que merece a opinião pública n'esta parte, a saber: encontrou-se juncto do morto um pequeno caixote ou báhú, que encerrava alguns trastes do mesmo, e que faz acreditar o querer elle deixar a casa aonde era desprezado, e regressar para a sua antiga e natalicia aonde era bem querido, e amado como merecia: — os moradores da povoação tinham observado por varias vezes, e até na vespera do assassinamento, desinteligencias, ralhos e desordens entre o infeliz traído e ludibriado, e a familia de quem a final se via obrigado a fugir: — na casa do dicto criado, tambem indigitado d'assassino, se encontraram umas calças do mesmo salpicadas de sangue. — E não sei se em poder e no segredo da justiça se acham já outros indicios contra os accusados pela opinião pública.

Um constante leitor do seu acreditadissimo jornal, pede a V. o obsequio de inserir no mesmo, com a brevidade possivel, e sendo possivel, o presente artigo, que supposto narre factos contrarios á moral, talvez a sua leitura produza á moral algum beneficio.

Monte Alegre 13 de julho de 1843.

De V. etc.

F. A. B. P.

RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS FEITAS EM LISBOA NO MEZ DE MAIO DE 1843.

1968 Temperatura media das mudrugadas 53° F. — dita nas horas de maior calor 71° — dita media do mez 62° — variação media de temperatura diurna 18° — maior variação de calor diurno, em 30 do mez, 30° — maior frio a 9 do mez, 46° — maior calor a 30 do mez, 82° — menor altura do barometro, a 23 do mez, 748,6 millimetros — maior idem, a 11 do mez, 765,1 — media do mez, 757,7, reduzidas á temperatura de 61° F.

Ventos dominantes, contados em meios dias — N,9 — NO,17 — O,5 — SO,25 — S,2 — V,1 — B,3. — *Estado da atmosphera* — Dias claros 8 — claros e nuvens 5 — cobertos excluindo 5 de chuviscos inapreciaveis 9 — cobertos e clarões 1 — chuva 8 — nevoeiros 2 — ventosos 10 — de frio sensivel 7 — de calor 4. — A chuva recolhida foi de 35 millimetros, equivalente a 10 almudes por braça quadrada, e por tanto regular.

Quadras dominantes foram quatro: a 1.ª de 7 dias frios, ar pouco humido ao principio, e muito nos ultimos, chuvas e nevoeiros alternados, ceu coberto e ventos mareiros do 2.° quadrante, os quaes pela sua insolita frialdade queimavam os gommos mais tenros de muitas arvores: a 2.ª de 6 muito frescos, ar secco, ceu quasi sempre claro, e alguns orvalhos nocturnos com ventos brandos do NO: a 3.ª de 14 dias com a temperatura similhante á antecedente, ceu coberto com chuvas ou chuviscos alternados, ar humido, ventos do SO a NO, algumas vezes rijos: a 4.ª e ultima de 4 dias frescos nas madrugadas e noites, e quentes nas horas meridianas, orvalhos nocturnos, ceu claro, bonanças ou pequenos ventos do norte, pelo que em geral foi o mez de fresca temperatura e regularmente chuvoso.

Phenomenos notaveis. Na noite de 3 para 4, pelas 2 horas da madrugada, um singular meteoro appareceu no departamento da *Alta Saonna* (na parte oriental da França), observando-se no espaço de mais de 10 legoas um corpo luminoso do diametro apparente de 4 a 5 palmos, e de fórma cilindrica, o qual lançou o terror por todas as povoações onde foi visto. Corria com assombrosa rapidez, brilhando como o sol, e produzindo *detonnações* estrepitosas, ou ruidos surdos, despedindo relampagos, e dirigindo-se do norte para o sul. Viu-se em *Bourbonne-les-Bains*, em *Melay*, onde pegou fogo a um telheiro. Arrazou a aldêa de *Boulay*, e fez outros estragos: achava-se a poucas varas d'altura, e parece ter-se escondido no bosque de *Bailliere* a 300 passos do casal de *Beausegar*.

Noticias agronomicas Teem decorrido as duas primeiras estações do anno assás favoraveis a todo o genero de cultura á excepção dos estragos causados nas lezirias, e terrenos marginaes do *Tejo* e *Mondego*, pelas enormes chêas de fevereiro, e estes prejuizos teriam sido sobejamente compensados, se os lavradores tivessem tido meios de fazer novas sementeiras; mas exceptuando aquelles terrenos, todos os mais destinados aos cereaes offerecem a mais formosa vegetação, especialmente os trigos do termo de Lisboa. Todas as especies de arvores fructiferas promettem abundantes fructos, especialmente as laranjeiras e oliveiras. As vinhas estão sobrecarregadas de cachos, e annunciam uma abundante novidade; porem a *depreciação* dos vinhos annulla os proveitos offerecidos pela natureza.

Necrologia de Lisboa e Belem. No mez de maio foram sepultados nos tres cemiterios 428 cadaveres, sendo 290 do sexo masculino, e 238 do feminino: maiores 333, e menores 195, havendo por consequencia o excesso de mais 31 sobre o medio normal, deduzido das antecedentes observações.

M. M. Franzini.

UMA PAGINA DE EVANGELHO.

1969 Já nas columnas da Revista tivemos occasião de mencionar a charidade christianissima de um pobre soldado; mencionaremos hoje o acto, a obra evangelica de um opulento. Na aproximação d'estes dois extremos da cadêa social ha mais do que um exemplo, mais do que duas virtudes — ha a mais efficaz e a mais consoladora compensação das tristes realidades de um seculo, cujo maior peccado é a falta de crenças.

O caso, que vamos referir, é contado por um dos periodicos d'esta capital: ampliando a sua publicidade não fazemos senão preencher os rogos e os desejos d'aquella benemérita folha. — ¡ Honra lhe sejam taes desejos!

Vivia n'esta capital um empregado honrado e probo, reconhecido homem de bem, de ajustadas contas e proceder immaculado. Era elle inquilino de uma propriedade pertencente ao Sr. *** — era rendeiro que nunca falhava. Todavia um anno inteiro passou sem que o inquilino désse novas suas — um anno desmentiu a sua usual ponctualidade. — Admirado d'este procedimento, tanto de estranhar em homem tão recto, resolveu-se o proprietario a visitar o seu rendeiro. Era homem delicado aquelle digno proprietario: o pretexto da sua visita foi o de ir ver se as casas careciam de concerto.

Vae effectivamente; bate; uma tímida voz de innocente lhe faz a costumada inquirição; e um anjinho de 6 annos, todo vestidinho de lucto abre a porta do esquecido inquilino.

— ¿ Está em casa o Sr. *** ? — pergunta já mais commovido o sensivel visitante.

Era o dono da casa por quem perguntava — era o proprio pae do innocentinho, e elle, o pobresinho cinco mezes havia que estava orpham.

N'isto acudiu a desconsolada viuva, e ouvindo a conhecida voz do seu crédor, pediu-lhe que se servisse de entrar.

Entrou. A casa era o retrato vivo da pobreza, da miseria, da mais profunda indigencia. N'aquellas paredes quasi nuas estavam patentes todos os signaes do mais acabado desamparo. — Cortava o coração.

Outro crédor tel-o-hia talvez sentido — ter-se-hia affligido pelo visivel mal-parado da sua divida: aquelle não, sentiu-o, affligiu-se pela scena que tinha diante dos olhos.

A viuva infeliz apresentou-se rodeada por quatro innocentinhos mal trajados, tendo estampados nas facesinhas macilentas os horrores — custa-nos a escrever as palavras — os horrores, tão verdadeiramente horrores .... da fome. A triste trazia mais nos braços um pequenino de 7 mezes.

— Meu marido (disse ella) morreu ha cinco mezes. Bem tenho eu desejado procural-o, meu Senhor. — Os cuidados, que póde imaginar, me teem impedido. O que eu porém queria pedir-lhe agora o pedirei. Esses restos cançados da minha mobilia valem bem pouco; com tudo o que produzirem servirá para pagar alguma parte da renda que devo. Quanto ao resto .... o resto, pela minha desgraça, pela d'estes innocentes, unicos parentes, unicos amigos, unica amarga consolação que ainda tenho no mundo peço .... peço-lhe que m'o perdoe pelo amor de Deus.

— Não era para isso que eu vinha, minha Senhora.... Não.... de certo.... não vinha incommodal-a.

— ¡ Sei que devo, e sei que devo pagar! .... A minha pouca prata levou-m'a em pagamento um crédor logo ao outro dia da morte de meu marido. Do mais, umas coisas teem servido para pagar a outros crédores, outras para alimentar estes companheirinhos do meu desconsólo e soledade.... O que ahi está é seu.... é justiça. E, visto que não basta, invoco a sua charidade.... A providencia de Deus não desampara ninguem. Ella nos acudirá d'aqui por diante.

As palavras singellas e resignadas da infeliz vinham repassadas de lagrimas. O piedoso crédor sentiu-as que lhe caíam no coração. No fim d'aquella tão laconica e pathetica narrativa a viuva e o seu ouvinte choravam ambos egualmente.

— Não vinha aqui pedir nada, minha Senhora — disse a final o digno proprietario. — Tenho quanto basta.... As nossas contas estão completamente justas... Estão justas — estal-o-hão sempre. Esta casa pertence-lhe.... pertence a seus filhinhos.

A alegria da infeliz viuva póde sentir-se, mas não póde descrever-se. O enternecido crédor pediu como unica retribuição um copo d'agua. Era um piedoso engano. Emquanto a propria viuva lh'o ía buscar, cada um dos innocentes recebia, com meia moeda, a recommendação de esconder e calar a sua mãe o furtivo presente, emquanto o offertante não saísse.

Chega a agua pedida, e depois de a ter apenas tocado, o benemérito crédor rompe n'estas palavras.

— A Providencia, minha Senhora, essa Providencia em que tanto crê e espera, não ha-de desamparal-a. Só uma coisa lhe peço.... peço-lhe que em próva de que não rejeita os fracos offerecimentos, que tive a honra de fazer-lhe, permitta que esse innocentinho aceite....

Não acabou. O anjinho adormecido nos braços da confusa mãe tinha já presente egual ao de seus irmãos. O digno crédor saíu e com elle os corações e as vontades d'aquella mãe e d'aquelles órphãos, tão inesperadamente soccorridos.

Cinco dias depois a desamparada familia tinha achado amparo, consólo, e o que é mais do que tudo, charidosa amisade em casa do Sr. *** — do piedoso crédor. Aquella obra evangelica por elle tão bem começada, foi perfeitamente rematada por sua digna esposa. Ella foi quem em pessoa procurou conduzir a sua casa a viuva e seus filhos.

— Tudo tenho.... falta-me uma amiga. ¿ Quer sêl-o, minha senhora?

Tal foi a recepção da sensivel dona da casa — casa que deixou logo de ser sua para sêl-o em commum dos que tão desgraçados eram, e que tão felizes fez a sua estremada beneficencia.

Os nomes d'aquelles virtuosissimos esposos são segredo. Respeitâmol-o em nome da religião: sentimol-o em nome da sociedade.

Mendes Leal-Junior.